

QUILOMBO MADEIRA: A FORMAÇÃO BI-NACIONAL DO QUILOMBO MAIS AO SUL DO BRASIL

Daniel Filipe Soares Souza¹; Orientador: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes²

¹ Universidade Federal de Pelotas – dan.filipesoares@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – aristeuufpel@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho dedica-se a demonstrar, de maneira objetiva, a origem uruguaia do sobrenome da família Madeira, pertencente ao Quilombo Madeira, o quilombo mais ao sul do Brasil, situado no município de Jaguarão/RS. A pesquisa se desenvolve através da relação entre fontes orais e fontes documentais, além de demonstrar a particularidade de constituição de espaços na fronteira Brasil - Uruguai como fator marcante no passado deste Quilombo.

2. METODOLOGIA

As fontes utilizadas nesta pesquisa são orais e documentais. A fonte oral, obtida através de entrevistas com perguntas preestabelecidas (Alberti, 2008), traz possibilidades de pesquisa que as fontes documentais em muitos momentos não alcançam. As entrevistas foram realizadas em 2024 e contam com registros de áudio e vídeo. As fontes documentais foram obtidas através de pesquisa presencial e digital e provém de diversos acervos como cartórios, acervos eclesiásticos, bancos de dados do *FamilySearch*, acervos particulares e também fontes catalogadas e transcritas por instituições como o Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul e o Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

O acúmulo de fontes e posterior análise permitiu construir um entendimento mais complexo sobre o Quilombo Madeira e seus viventes, a relação entre as fontes foi o caminho encontrado para preencher lacunas presentes tanto nos documentos quanto nos relatos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aurélio Madeira (1898-1985) e Marina Avila (1895-1971) casaram-se em 1920, juntos tiveram sete filhos, todos nasceram e cresceram no Quilombo Madeira, que foi reconhecido em 2010. Marina, uma mulher negra que, ao que tudo indica, era natural daquela região e Aurélio, denominado nas fontes documentais como branco, mas lembrado pela família como “bugre” ou mestiço, a historiografia já discute o termo bugre¹ e suas origens na Europa, entretanto, para os entrevistados, “bugre” seria alguém fruto de relacionamento

¹O termo Bugre surgiu na Bulgária, no século IX, e corresponde a uma corrente religiosa chamada bogomilismo, inspirada no nome do Padre Bogomil, considerado o fundador desta seita, que, na época, foi perseguida por heresia pela igreja católica. Por isso, no final do século XVIII e início do XIX, quando muitos imigrantes europeus chegavam ao Sul do Brasil, deparavam-se com os nativos e suas tradições e línguas não europeias, e os consideraram “hereges” – assim como os seguidores do bogomilismo –, chamando-os, então, de “búlgares ou bugres”. (Guisard Apud Gaudêncio, Martins, Silveira, Rodrigues, 2019. p. 118)

entre branco e indígena. Em sua Certidão de Óbito, consta que era natural de Jaguarão, mas seus descendentes dizem que veio de outra região, segundo eles, Aurélio teria brigado com outros membros da família e vindo para a região do Cerrito por este motivo. Almir Faria Madeira, neto de Aurélio, diz que “Ele veio porque ficou meio de mal com a família dele e atravessou o rio e conheceu a vó (Marina)” e o senhor Amilton Avila Madeira, filho de Aurélio, diz que “eles eram desunidos, vieram de lá porque pelearam com os pais dele, o pai dele correu ele, eles não se davam bem uns com os outros”, citando Aurélio e irmãos.

Ainda segundo os entrevistados, Aurélio teria vindo do Uruguai, mas não foram encontradas fontes documentais que cite tal vinculação com a banda Oriental. Já no registro de Óbito de seu pai, Manoel Madeira, consta nacionalidade brasileira.

Além da certidão de óbito de Manoel, na qual aparecem os nomes de seus pais, no processo da pesquisa foram encontrados alguns registros no site *FamilySearch*, em que os nomes dos pais de Manoel (e avós de Aurélio Madeira) aparecem de forma variada, mas indica ser o mesmo casal, David (Davide) Madeira e Laura (ou Aurea) (Saija, Ceras, Cesar) Madeira. Um documento em particular, registro de nascimento datado de 1891, que David e Laura surgem como os pais de Luiz Madeira, que seria irmão de Manoel, mas Luiz aparece tendo nacionalidade uruguaia, assim como David e Laura:

Fonte: Registro de nascimento de Felipa Madeira, 1891.

Em amarelo, os nomes de David e Laura Madeira, o qual menciona a origem uruguaia.

Disponível nos registros do *FamilySearch*.

No. 54 Pag. 111

NASCIMENTO No. 343

CERTIFICO que a fls. 88 verso e 88 do livro n.º 24 A de registro de nascimentos foi lavrado hoje o assento de Felipa Madeira, nascida aos 19 dias de Setembro de 1891, às vinte e duas horas, em Jaguarão, para o distrito de Jaguarão, do sexo feminino, de cor branca, filha de Luiz Madeira, natural do Uruguai, e de Laura Madeira, sendo avós paternos David Madeira, também Uruguaia, e Laura Perez Madeira, e maternos Zequeval Pereira, e Graziela Mariana Chaves.

Foi declarante Luiz Madeira e serviram de testemunhas Olayo Costa e A. Lúcio Costa no Juízo de Paz.

OBSERVAÇÕES foi inscrita em verbais de um distrito do governo Federal.

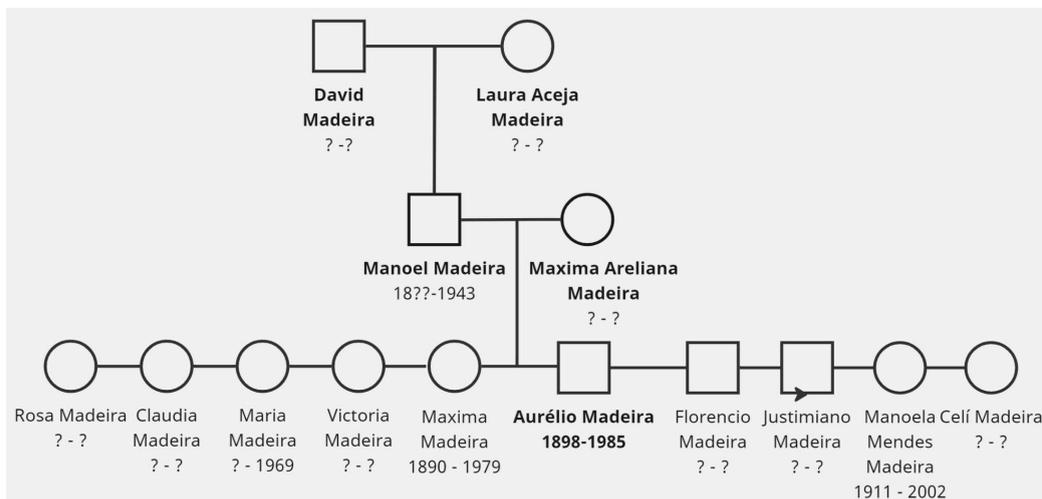
O referido é verdade e dou fé.

Luiz Madeira 19 de Setembro de 1891

Assumido o cargo de oficial em exercício Pedro Manoel Madeira

O fato do irmão de Manoel Madeira, Luiz, ter nacionalidade uruguaia documentada, é um indicativo que talvez o próprio Manoel também fosse Uruguaio e ao registrar sua morte tenha havido um equívoco com relação a estes dados, o que não era incomum na época.

Gráfico Genealógico: Ascendência e Irmãos de Aurélio Madeira



Fonte: do autor, 2024.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que, o sobrenome “Madeira” que a família carrega, independente de qual antepassado tenha vindo ao Brasil primeiro, tem origem no Estado Oriental, o que revela uma particularidade na constituição deste quilombo, vinculando dois espaços em uma zona de trânsito, como é a região de fronteira. Nenhum outro pesquisador apontou tal particularidade com relação à formação deste quilombo, que compreendo como um espaço com formação bi-nacional, tendo em vista que existem antepassados brasileiros e uruguaiois.

Pensar a fronteira como limite, que não permite interação, não é nem próximo da realidade, mas não significa que se criou um espaço de união entre “dois povos”, o mais próximo da realidade seria o equilíbrio entre essas perspectivas, compreendendo suas diferenças, mas também suas relações e de que maneira esses sujeitos manejavam a fronteira conforme suas necessidades e a partir das suas vivências no espaço (Thompson Flores e Farinatti, 2009).

Aurélio e Marina fazem parte de um passado recente da comunidade, atravessados, assim como outros personagens, por uma série de perguntas sem respostas, mas as respostas obtidas através das fontes podem completar um pouco mais as noções de processos cotidianos com relação às populações pobres e populações negras em um espaço extremamente complexo como a zona de fronteira, ainda mais no que diz respeito ao espaço agrário.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Capítulo de livro

ALBERTÍ, Verena."FONTES ORAIS: Histórias dentro da História". In: **Fontes históricas** / Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). — 2.ed., 1ª reimpressão.— São Paulo : Contexto, 2008. (p.155-202)

FARINATTI, L. A. e THOMPSON FLORES, M. F. da C. A fronteira manejada: apontamentos para uma história social da fronteira meridional do Brasil (século XIX). In: HEINZ, Flávio (org.). **Experiências nacionais, temas transversais: subsídios para uma história comparada da América Latina**. São Leopoldo: Oikos, 2009. p. 145-177.

Artigo

GAUDÊNCIO, J. S.; MARTINS, D. R.; SILVEIRA, R. M. C. F. e RODRIGUES, S. P. J. Breve perspectiva historiográfica sobre a ancestralidade da etnia indígena Kaingang – **Cadernos do CEOM**, Chapecó (SC), v. 32,n.50, p.115-128 Jun/2019.